



REFLEXÕES PARA UMA ÉTICA E MORAL ECUMÊNICA

Reflections for Ethics and Moral Ecumenical

Donavan Farias Machado

Resumo

Este trabalho versa sobre uma breve análise da obra “Projeto de Ética Mundial: uma moral ecumênica em vista da sobrevivência humana” de Hans Küng. O texto se preocupa com a necessidade de uma reflexão ética e moral sobre o comportamento do homem em sociedade, sobre os mecanismos e métodos construídos pelo homem que regem a sociedade a nível global, as consequências dessas práticas nas vidas humanas e na natureza e a possibilidade da construção de um novo projeto de vida que possibilite a dignidade plena para todas as formas de vida no nosso planeta.

Palavras-chave: Projeto de Ética. Moral. Dignidade.

Abstract

This work presents a brief analysis of the work “Global Ethic Project: an ecumenical moral in view of human survival” of Hans Küng. The text is concerned to the necessity of an ethical and moral reflection about the human behavior in society, about the mechanisms and methods built by man that rules the society at a global level, as well as consequences of these standards on human’s lifes and nature and the possibility to build a new life’s project that make possible the full dignity to all the form of life on the planet.

Keywords: Ethic Project. Moral. Dignity.

Considerações Iniciais

A análise da obra “Projeto de Ética mundial: uma moral ecumênica em vista da sobrevivência humana”, de Hans Küng, visa resgatar o questionamento feito no início dos anos 90, com a publicação da obra: da necessidade de uma ética mundial, tendo em vista às mudanças culturais, sociais, econômicas e religiosas da época. Sob o ponto de vista atual, ainda persiste a necessidade da formulação de um projeto de ética que englobe todos os povos da terra?

O fim da intolerância política, demarcada com as derrocadas das ditaduras latino-americanas e pela queda do muro de Berlim no fim do século passado, foi substituída pela intolerância cultural, intolerância de gênero, intolerância de classe, intolerância de raça e intolerância religiosa. De um modo geral, a intolerância à pluridiversidade é a marca do novo século. O sociólogo Zygmunt Bauman aponta, de um ponto de vista socioeconômico, os métodos empregados pelo sistema capitalista como principal catalisador das mazelas sociais. O método pelo qual se desenvolveu o trabalho foi pela pesquisa bibliográfica qualitativa, abrangendo a leitura de teses, obras doutrinárias e literárias.

Breve análise da atualidade sob o ponto de vista de uma “outra” Teologia

O mundo pós-moderno, pode-se dizer, cunhou novos elementos para uma nova Santíssima Trindade. Nos lugares do Pai, Filho e Espírito Santo surgiram, respectivamente, a Globalização, o Capitalismo e a Mídia. São as novas divindades que guiam nosso destino, que regem nossas vidas e aceitamos, com uma fé inabalável, seus ditames e ensinamentos. A heresia à “Santíssima Trindade” não é castigada com a morte, como era nos tempos medievais através do fogo purificador, mas com uma outra forma: a de “deixar de viver” através do banimento, da exclusão, do desamparo, da pobreza, da marginalização etc.

Saindo das trevas para a luz, essa nova religião apresenta um paraíso muito mais atraente, divertido, gostoso, tão bom que é insaciável. E o mais importante: não precisamos passar pela morte para se chegar até ele. O processo é muito mais simples e imediato. Basta ter em mãos (ou numa conta corrente) a relíquia dos deuses, o Santo Graal do nosso tempo, chamado de “Dinheiro”. Esse relicário é o “Green Card” para o paraíso.

Contudo, essa busca pelo “Graal”, na maioria das vezes, se apresenta de forma violenta em uma competição desigual e desproporcional, deixando o paraíso cada vez mais inalcançável para os pequenos competidores, trazendo com isso consequências irreversíveis.

A metáfora aqui apresentada tenta ilustrar os mecanismos regentes de nossa civilização. O fenômeno da globalização exercendo meios para a onipresença ao sistema capitalista, a onipotência à mídia e, por fim, as consequências desse novo “catecismo”. O sociólogo polonês Zygmunt Bauman dedica uma atenção especial ao capitalismo em sua obra *Capitalismo Parasitário*, o qual constrói uma nova definição para o sistema econômico¹:

¹ BAUMAN, Zygmunt; MAY, Tim. *Capitalismo parasitário: e outros temas contemporâneos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2010.

Sem meias palavras, o capitalismo é um sistema parasitário. Como todos os parasitas, pode prosperar durante certo período, desde que encontre um organismo ainda não explorado que lhe forneça alimento. Mas não pode fazer isso sem prejudicar o hospedeiro, destruindo assim, cedo ou tarde, as condições de sua prosperidade ou mesmo de sua sobrevivência².

Pode-se associar facilmente nesse conceito parasitário a função das megacorporações em países emergentes. O conceito capitalista carregado pelas megacorporações é, por si só, onipotente. Ou seja, o poder é tamanho que, sem muitos esforços, pode rechaçar com o sistema legal do país tornando o povo uma nação de escravos desvalidos e, ainda, afetados pela incurável doença do consumismo. Já que estamos inseridos nesse contexto não tão promissor, com a regência desses “novos deuses” sedutores, vingativos e implacáveis, tomo por empréstimo o questionamento de Hans Küng, “para que uma ética?”.

Para que uma ética?

Como introdução ao capítulo 2, Küng traz a necessidade de uma ética mundial como meio de enfrentamento e sobrevivência às “catastrófais evoluções econômicas”³. O estudo da ética permitirá descobrir um conjunto de normas e valores delineará nossas ações e decisões.

Küng traz a conhecimento que há a necessidade da presença da ética da doutrina filosófica e teleológica sobre os valores e as normas. Entretanto, há um certo risco quando colocamos essa tríade a funcionar sem analisarmos o ambiente e o contexto que estão inseridos, pois conforme Michael J. Sandel explica, “não apenas o Talibã (ou o Estado Islâmico), mas também os abolicionistas e Martin L. King basearam suas visões de justiça em ideais morais e religiosos”⁴.

Por isso é tão difícil diferenciar e taxar as ações benéficas das ações maléficas. Isso é uma característica dos povos do ocidente, que necessita da dualidade “bem/mal” como forma de explicação aos acontecimentos do cotidiano, que infecta uma gama de conceitos, organismos e instituições, à exemplo da economia, justiça, democracia etc.

² BAUMAN, 2010, p. 8-9.

³ KÜNG, Hans. *Projeto de ética mundial: uma moral ecumênica em vista da sobrevivência humana*. Tradução: Haroldo Reimer. São Paulo: Paulinas, 1993. p. 45.

⁴ SANDEL, Michael. *Justiça: o que é fazer a coisa certa*. 15. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2014, p. 29.

Küng traz à conhecimento que “não haverá democracia sem um consenso básico”⁵. O Estado Democrático de forma liberal é, ou deve ser, neutro. Essa neutralidade resulta na não exclusão de ideologias filosóficas e religiosas. Essa aceitação representa um grau de avanço na cultura humana, pois não significa somente o respeito aos pensamentos pluriformes ou pluralistas, mas de algo que talvez circunda tudo isso, o direito de ser humano.

De acordo com suas constituições, os Estados Democráticos devem assegurar não só o direito e liberdade de consciência e religião, mas a segurança, educação, saúde, imprensa, reunião etc. Essa “cosmovisão” o impede de gerar uma norma única ou valores superiores e últimos. Seguindo nessa lógica, é inevitável o comprometimento da neutralidade e o ideal do Estado Democrático. Afirma Küng que “a sociedade pluralista não necessita de um consenso fundamental [...] mas formar-se de um consenso coincidente”⁶. Esse consenso coincidente provém da teoria overlapping consensus, apresentada na obra Teoria da Justiça, do filósofo americano John Rawls. Mas o que é essa teoria? Sandel explica de uma maneira muito didática como essa teoria se apresentaria como forma de compreensão de justiça para Rawls:

[...] suponhamos que estamos reunidos, como agora, para definir os princípios que governarão nossa vida coletiva – para elaborar um contrato social. Que princípios selecionaríamos? Provavelmente teríamos dificuldades para chegar a um consenso. Pessoas diferentes têm princípios diferentes, que refletem seus diversos interesses, crenças morais e religiosas e posições sociais. Algumas pessoas são ricas, outras são pobres; alguns têm poder e bons relacionamentos; outras, nem tanto. Algumas fazem parte de minorias raciais, étnicas ou religiosas; outras não. Temos que chegar a um consenso. Mas até mesmo o consenso refletiria o maior poder de barganha de alguns sobre o dos demais. Não há motivos para acreditar que um contrato social elaborado dessa maneira seja um acordo justo.

Analisemos agora uma experiência mental: suponhamos que, ao nos reunir para definir os princípios, não saibamos a qual categoria pertencemos na sociedade. Imaginemo-nos cobertos por um ‘véu de ignorância’ que temporariamente nos impeça de saber quem realmente somos. Não sabemos a que classe social ou gênero pertencemos e desconhecemos nossa raça ou etnia, nossas opiniões políticas ou crenças religiosas. Tampouco conhecemos nossas vantagens ou desvantagens – se somos saudáveis ou frágeis, se temos alto grau de escolaridade ou se abandonamos a escola, se nascemos em uma família estruturada ou em uma família desestruturada. Se não possuíssemos essas informações, poderíamos realmente fazer uma escolha a partir de uma posição original de equidade. Já que

⁵ KÜNG, 1993, p. 48.

⁶ KÜNG, 1993, p. 48.

ninguém estaria em uma posição superior de barganha, os princípios escolhidos seriam justos⁷.

Assim, nessa experiência hipotética de Sandel para explicar a Teoria da Justiça, a construção de um contrato social baseado na equidade da justiça é possível desde que haja um desprendimento das convicções éticas, morais e religiosas, para assim poder construir não um preceito fundamental, mas coincidente.

Ética como um propósito público

A proposta de uma ética pública é a principal exigência para as circunstâncias da pós-modernidade. Caminha-se para a publicização da ética, como por exemplo nas “comissões de ética, cadeiras universitárias para a ética e também códigos éticos especialmente nas áreas da biologia, medicina técnica e economia [...]”⁸.

Assim, existe a necessidade de uma “ética para todos”, de uma “socialização” da ética. Contudo há de se tomar cuidado em saber diferenciar a apresentação de uma ideia baseada em conceitos éticos da imposição de uma ética “ideal”. Deve-se respeitar e valorizar todas as formas de expressões culturais da humanidade e dos seres que constituem o cenário em que as culturas são construídas e miscigenadas. A ideia principal é que a ética deve ser baseada para o bem-estar do homem e o ambiente em que vive.

Considerações Finais

Depois de se ter uma breve noção do contexto mundial ao qual se está inserido, fica um tanto difícil imaginar a possibilidade de existir um projeto global, baseado em valores éticos e morais, que una a humanidade com o intuito de propagar o bem comum. Como se pode perceber, existem inúmeros empecilhos que dificultam a realização de um pensamento ecumênico baseado nos valores e direitos fundamentais do ser humano e do ambiente em que vive. Construímos nossos conceitos éticos e morais inseridos num sistema que não permite que o ser humano seja ético e moral. Que não permite que o ser humano pense e seja independente. Nascemos num sistema em que a nossa única opção é consumir. Somos

⁷ SANDEL, 2014, p. 177-178.

⁸ KÜNG, 1993, p. 55.

medidos e julgados de acordo com o quanto consumimos. Pois “nossa sociedade é uma sociedade de consumo”⁹.

Toda a mazela causada pela sociedade de consumo “[...] não pode ser ‘curada’, pois não é um sintoma da doença do capitalismo. Bem ao contrário: é evidência da sua saúde e robustez, do seu ímpeto para uma acumulação e esforço sempre maiores [...]”¹⁰. Não há de se negar que o atual sistema econômico mundial é a causa dos dilemas mundiais. Seu sucesso é causa de fracasso para as sociedades de risco. Seu sucesso é a causa para as “consequências humanas”.

A realidade é que estamos à deriva na imensidão do mar. Não pedimos para estar nesse barco, apenas surgimos nessa realidade. Não podemos escolher a direção de nossos barcos, somos movimentados à direção que o vento desejar. Lutamos para manter as esperanças de que talvez um dia o vento nos leve para terra firme, sepultando, assim, todo aquele desespero e sofrimento de estar abandonado na solidão do mar aberto.

Referências

BAUMAN, Zygmunt; MAY, Tim. *Capitalismo parasitário: e outros temas contemporâneos*. Tradução: Eliana Aguiar. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2010.

BAUMAN, Zygmunt. *Globalização: as consequências humanas*. Trad. Marcus Penchel. Rio de Janeiro: Zahar, 2014.

KÜNG, Hans. *Projeto de ética mundial: uma moral ecumênica em vista da sobrevivência humana*. Tradução: Haroldo Reimer. São Paulo: Paulinas, 1993.

SANDEL, Michael. *Justiça: o que é fazer a coisa certa*. Trad. Heloísa Matias e Maria Alice Máximo. 15. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2014.

⁹ BAUMAN, Zygmunt. *Globalização: as consequências humanas*. Trad. Marcus Penchel. Rio de Janeiro: Zahar, 2014. p. 87.

¹⁰ SEABROOK apud BAUMAN, 2014, p. 87.